

Director literario:
Antonio Gomes
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Luiz Collares
PAPUSSE

Preto, Branco e Cinzento



*Abel — eis um pretalhão
Que, chegado da Guiné,
Reside com seu patrão,
Lá para as bandas da Sé.*

*Quando vai a algum recado
Ou fazer compras, Abel
Vê-se muito atrapalhado,
Todos se metem com éle.*

*Para evitar o desgosto
De sofrer tanto arremesso
Resolveu pintar o rosto
Com cal, grude, tinta e gesso.*



*E assim pintado girou...
De «bonets», bata e tamancos,
Mas aí! tão branco ficou
Que era mais branco que os
brancos.*

*Nisto começa a cair
Chuva batida do vento
E tudo começa a rir
Ao vêr o preto cinzento.*

*.....
Assim Deus quíz ensinar,
Com essa chuva do céu,
Que ninguém deve alterar
O que a Natureza deu!*

O MENINO BONITO

OU O PEQUENO CAVALEIRO

POR MARIA LEONOR LIMA
BRANDES—DESENHOS DE
EDUARDO MALTA



ERA uma vez um menino muito bonito e muito estudioso, que vivia com seus pais numa linda casinha situada à beira dum rio.

A' porta da casa do menino bonito passava um regato que ia dar ao rio. Uma vez ao dar a meia noite, hora fatídica, hora em que as bruxas e lobisomens saíam das suas cavernas, para só praticarem maldades, encontrava-se o menino bonito sentado à lareira a aquecer-se,

porque o inverno era rigoroso, quando ouviu uma voz dizer que fosse o menino bonito prevenir o rei que, à meia noite do dia seguinte, iria ao palácio a bruxa malvada, roubar a princesa Matilde. O menino bonito estava acompanhado por toda a sua família e todos olharam e não viram quem falava.

O menino bonito veio cá fóra e ouviu distintamente a mesma voz dizer:

— Não te assustes, sou eu, a água do regato, quem te fala.

O menino bonito era muito vivo e muito cheio de coragem. Medo não sabia o que era, e, à água do regato, que ia na levada límpida, cristalina, perguntou:

— Que me queres, água do regato?

— Que vás dizer ao nosso rei, que à meia noite de amanhã, vai a bruxa malvada roubar-lhe a filha a linda princesa Matilde.

— E como posso eu ir avisar o rei com tão pouca antecedência, se o palácio real, é daqui distante tantas léguas, e eu não tenho outro meio de transporte, além das minhas pernas?

— Meio de transporte, terás tu. Olha para a tua esquerda.

O menino bonito olhou e viu um lindíssimo cavalo branco arreado de ouro reluzente e fulgurantes pedras preciosas. As ferraduras do cavalo eram de prata fina, as esporas e o chicotinho do cavaleiro eram também de fino ouro! O fato do cavaleiro era o mais rico fato dos cavaleiros de todo o mundo!

O pequeno cavaleiro montou o lindo cavalo branco ricamente ajazado e seguiu a caminho do palácio atravessando serras cobertas de neve, até que chegou a um ponto onde não viu senão céu e horríveis precipícios.

— Água do regato, valei-me nesta triste situação!

E a água do regato logo lhe valeu, mostrando-lhe o caminho que ia ter ao palácio real.

O menino bonito sabia muito bem as instruções que lhe dera a água do regato e seguiu o caminho que a água lhe ensinava.

Depressa chegou ao palácio, mas uma vez lá chegado surgiram-lhe dificuldades por todos os lados. Como nunca tivessem visto um cavaleiro em montada tão rica, e já por saberem que não era conhecido, não acreditaram no que o pequeno cavaleiro dizia. Muitos pensaram até que fosse alguém para fugir com a princesa.

A água do regato viu as dificuldades que surgiram ao menino bonito e remediou logo o caso.

Enviou o seu corvo branco a proteger o pequeno cavaleiro e o corvo voando com rapidez espantosa levou novas instruções da água do regato, ao menino bonito e então este tudo resolveu num instante. Passou por toda a parte sem ser visto e quando chegou ao palácio mais o seu cavalo, só o rei o viu e veio ao seu encontro.

— De onde sois, cavaleiro desconhecido?

— Dêste país, bom rei.

— E que queres dêste palácio?

— Do palácio nada quero, venho aqui, simplesmente, cumprir uma sagrada missão.

— Então?

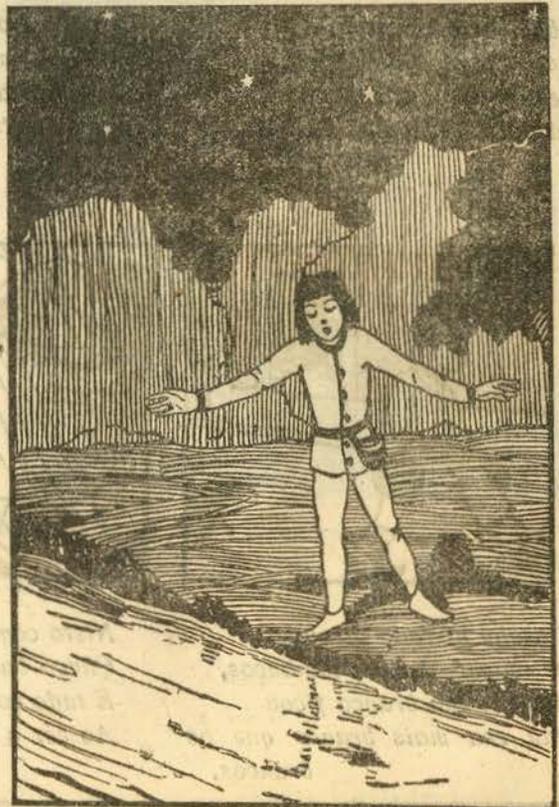
— Venho salvar a princesa Matilde!

— Corre risco a minha filha?

— Risco de morte. Mas se me obedeceres, salvá-la-hei. É a bruxa malvada que a quer raptar à meia noite. Mandai que todos se recolham aos seus quartos, e a mim deixai-me ficar no quarto da princesa.

O rei percebeu que não havia outro meio de salvar a sua querida filha, consentiu em tudo que o pequeno cavaleiro lhe disse.

Todos se deitaram e o menino bonito, a sós, com o rei, disse-lhe:



— Eu sei que a princesa está para casar com um príncipe muito bonito e muito rico. A princesa, apesar de nunca a ter visto, sei que é a mais linda de todas as princesas. O casamento traz a felicidade para este reino. O príncipe traz



— Sou um cavaleiro pequeno, mas, apesar de pequenino, não tenho medo da tua voz.

— Vou transformar-te em saramantiga, garoto impertinente.

— É o que vamos ver. !...

A bruxa cresceu para ele, mas o menino bonito antes da bruxa chegar ao pé d'ele, tocou-lhe com o *stic* e logo a bruxa malvada desapareceu sem se saber como, nem para onde!

O rei muito contente abraçou o salvador de sua filha. A princesa acordou e o rei contou-lhe tudo. A princesa beijou o pequenino cavaleiro. Foram chamados todos os fidalgos da corte, damas de companhia, criadas, enfim, toda a gente do palácio e o resto da noite levaram-na a dançar. Quando amanheceu o pequeno cavaleiro veio aos jardins. A princesa Matilde veio atrás d'ele, e perguntou-lhe:

— De onde vieste?! Dize-me a tua origem?!
Ouve! E quem te deu o poder para me salvares?

— Sou daqui muito distante,
Filho de pais pobresinhos;
Fadou-me a água cantante
Que corre nos ribeirinhos!

— E não dizes mais nada, meu lindo cavaleiro?

— Mais nada podes ouvir,
É um segredo da água,
Adeus, adeus... vou partir
Embora cheio de mágua.

— Assim tão depressa?

— É assim preciso, bela princesa! Chamaí os cortesãos e mandai trazer o meu cavalo.

A princesa chamou os cortesãos e mandou vir o cavalo. O pequeno cavaleiro ou o menino bonito como lhe queiram chamar, despediu-se de todos. O rei e a princesa beí-

uma riqueza enorme em pedras preciosas que reduzidas a dinheiro não cabe nos cinco mil cofres fortes de Vossa Magestade.

— Tanto não sabia eu, pequeno cavaleiro!

— Pois é verdade. E agora senhor, deixai que eu toque com o meu *stic* no vosso fato para o fazer desaparecer à vista de toda a gente.

— Mas eu não quero desaparecer?!

— Não tenha medo, não sai aqui do quarto da princesa. Entraram no quarto da filha do rei, que dormia um sono inocente, com um sorriso nos lábios.

— Vossa Magestade fica à cabeceira da cama, (disse o pequeno cavaleiro em voz baixa, para não acordar a princesa, tocando com o chicotinho no fato do rei).

Eu ponho-me aqui atrás d'este reposteiro à espera da bruxa malvada.

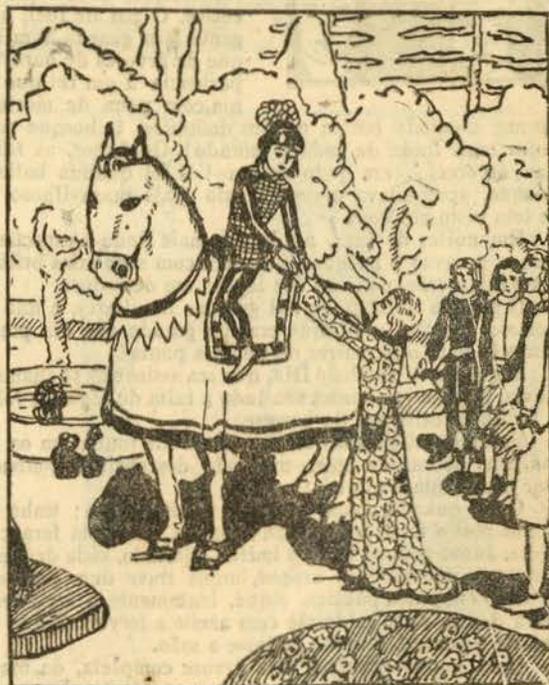
Passados momentos, a janela do quarto abriu-se lentamente, e um passarito negro entrou no quarto e logo se transformou numa velha bruxa. Era a bruxa malvada em carne e osso!

A princesa acordou e dando com os olhos na bruxa, deu um grito muito agudo e desmaiou. O Rei esteve quasi a saltar em cima da bruxa e a matá-la, mas lembrando-se que estava o salvador da princesa atrás do reposteiro, não fez nada. E foi melhor.

— Querias então casar, linda princesa? Eu te digo com quem casar! (disse a bruxa).

— Há-de casar com o príncipe seu noivo! (disse o pequeno cavaleiro, saindo detrás do reposteiro com o *stic* na mão).

— Quem és tu garotão? (disse a bruxa com voz de trovão).



jaram-no e o cavalo estendeu as pernas até tocar com o peito no chão. O pequeno cavaleiro montou, desaparecendo num instante à vista de todos, que ficaram de boca aberta e a princesa na mais profunda meditação.

F I M

HISTÓRIA DE JOEL

POR MARIA LEONOR

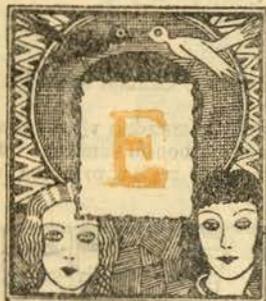
LIMA BRANDES

DESENHOS

DE EDUAR-

DO MAL-

TA



RA uma vez um gigante que tinha um filho chamado Joel. O gigante era tão alto como uma casa e o filho muito pequenino, o que admirava muita gente. Joel tinha dez anos. Era uma criança muito inteligente, era um grande sonhador. Os seus sonhos saíam sempre certos. O pai de Joel, o gigante, era guarda dum bosque de árvores de ouro, que pertencia a um rei que punia, com pena de morte, o

menor atentado contra os seus domínios. O bosque era a coisa mais linda de todo o mundo! Os frutos, as folhas das árvores... era tudo de ouro! O sol quando batia no bosque, apresentava o espectáculo mais maravilhoso que se tem visto até hoje.

Em noites de luar, ainda era mais lindo o espectáculo que se gosava; o bosque iluminava com seus raios brilhantes e fulgurosos, mais de dez léguas em derredor!

O gigante tinha cinco mil guardas auxiliares, e não era demais, porque o bosque era tão grande que era preciso um mês para o percorrer de ponta a ponta!

O gigante «Pantaleão III», que era assim que se chamava, havia já dias que vinha sentindo a falta de algumas folhas e frutos de certa rua do bosque.

Reforçou os guardas da rua aonde lhe roubavam os frutos e as folhas de ouro, mas não descobria o roubador, por mais tentativas que fizessem.

O rei quando soube do caso, ficou furioso; tinha um génio muito mau, tinha maus fígados, era uma fera completa. Jurou que, se fosse o ladrão agarrado, seria dependurado por debaixo dos braços, numa trave dum palanque, armado em praça pública, e que, lentamente, o faria descer para dentro dum caldeirão com azeite a ferver! E que premiaria o guarda, que lhe deitasse a mão.

Uma noite roubaram uma árvore completa, da mesma rua aonde tinham roubado as folhas e os frutos de ouro.

O rei, cada vez mais furioso, como se pode imaginar, mobilizou todas as suas tropas para o bosque, e ali bivacaram mais dum mês, sempre de espingardas aperradas.

Contudo continuavam roubando grande quantidade de frutos e folhas de ouro.

Sempre da mesma rua, sem que vissem quem era o ladrão! Havia ali um grande mistério, que era a todo o transe preciso desvendar. O rei perdeu algumas noites de guarda ao bosque, para de viso observar se era algum dos seus guardas o ladrão do seu ouro.

O rei nunca viu cousa alguma e as folhas e frutos de ouro desapareciam, misteriosamente, todas as noites. Era mesmo quando o rei lá ficava de guarda, que os roubos eram mais importantes!

Joel, o filho do gigante Pantaleão III, quíz falar ao rei e não o queriam deixar entrar, mas o pequeno tanto teimou, que conseguiu falar-lhe.

O rei estava até com certa curiosidade de saber o que o pequeno Joel lhe queria dizer. Recebeu-o como se recebe um homem de categoria. O rei mandou-o entrar para o grande salão de visitas, mas o pequeno, coitado, ao entrar, escorregou nos encerados muito polidos e caíu. O rei riu-se muito porque Joel não deu mais um passo, agarrou-se a um movel, e dali não saiu.

— Anda Joel, senta-te nesta cadeira.

— Daqui é que eu já não saio, não quero cair outra vez. Mesmo daqui digo a Vossa Magestade o que me traz cá.

— Dize lá, Joel.

— Quero ficar uma noite no bosque de árvores de ouro, sòzinho.

— Para que queres tu lá ficar sòzinho?

— Para não deixar roubar mais ouro do bosque de Vossa Magestade.

— Tu deliras, pequeno?! Vai-te deitar que isso deve ser sono.



o saco, ouviu dizer: Eh bandido! Então julgas que, por não veres os guardas e os soldados, roubas hoje alguma coisa? Se tocares só numa folha mais, morrerás!

O bandido não fez caso e quando ia a tocar numa folha, caiu morto.

Joel aproximou-se e viu-lhe a tal caixinha à cinta. Joel tirou-lhe a caixa com muito cuidado e enterrou-a. Depois foi a correr chamar o rei para ir ao bosque. O rei foi e viu tudo.

— Quem matou o homem?

— Fui eu, quem havia de ser?

— E como o mataste?

— E' segrêdo.

— Não insisto. E o resto da quadrilha?

— Fugiu com medo de mim!

O rei mandou enterrar o chefe dos bandidos à entrada do bosque e mandou, na sepultura, pôrem uma cruz com êste epitáfio:

A Q U I J A Z

O CHEFE DA QUADRILHA DE LADRÕES, MORTO POR JOEL, FILHO DO GUARDA PANTALEÃO III. JOEL TINHA DEZ ANOS, COM A SUA CORAGEM E INTELIGENCIA AFUGENTOU MAIS DE MIL LADRÕES QUE ROUBAVAM O OURO DÊSTE BOSQUE, E MATOU O CHEFE DA QUADRILHA

: R. I. P. :

O rei deu uma grande fortuna a Joel, e não lhe deu uma filha em casamento, porque a não tinha

A vèlhinha apareceu, uma noite, em sonho, a Joel e disse-lhe: Lembra-te sempre da fada tua protectora. Eu sou a vèlhinha, a sua transformação. E nisto fugiu e Joel nunca mais a viu até ao último dia da sua vida que foi cheia de felicidade.



BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

A COLEÇÃO DE LIVROS PARA CRIANÇAS, MELHOR E MAIS BARATA

VOLUMES PUBLICADOS:

- I — BARRACA DE FANTOCHES
- II — CÔ-CÔ-RÓ-CÓ
- III — PÁ-TÁ-PÁ
- IV — LANTERNA MÁGICA

B R E V E M E N T E

V — O PAPAGAIO AZUL

NOTE BEM: — Todos estes volumes são impressos em magnífico papel

:: :: :: e profusamente ilustrados a côres :: :: ::

PREÇO POR VOLUME

5\$00 ESCUDOS

PARA ASSINANTES DE "O SÉCULO"

4\$00 ESCUDOS

PEDIDOS A' NOSSA ADMINISTRAÇÃO

HORA do RECREIO

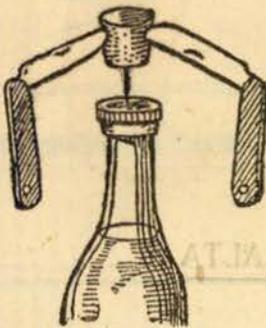
MECANICA ENGENHOSA

Máquina de furar de novo modelo

Em cada uma das faces opostas de uma rólha enterremos a ponta de um canivete; depois, no centro de uma das extremidades da rólha enterremos sólidamente um grande e forte alfinete.

Feito isto, e poisando a cabeça dêste alfinete na ponta do dedo, conseguiremos equilibrar o aparelho fechando parcialmente os canivetes.

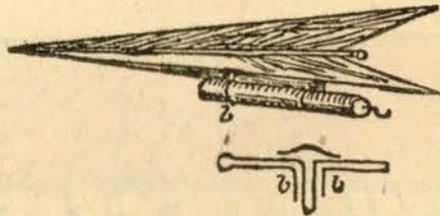
Procedendo como indica a fig. abaixo, podemos fazer



girar o alfinete enterrado na rólha sobre o bico de uma agulha. Quando se obteve o equilíbrio e se deu um movimento de rotação ao aparelho, nota-se que o alfinete, que é de um metal mais mole, é furado pela agulha de metal mais duro.

O navio aéreo do futuro

Corta-se num cartão uma seta de 30 centímetros de comprimento, o que facilmente se consegue dobrando o cartão segundo as indicações das fig.^{as} abaixo. Colemos uma tira



de papel delgado em *a* para reunir os dois lados da seta, verifiquemos o seu bom funcionamento lançando-a com a ponta para a frente. Deve pelo menos, percorrer com êste impulso 15 a 20 metros.

Fixe-se em seguida, de cada lado do que se pode chamar a *quilha* desta espécie de navio, em *b*, uma granada de fogo de artifício, fácil de adquirir em qualquer estabelecimento da especialidade.

Erga-se então ao alto a seta com a mão esquerda e largue-se fogo às granadas.

Logo que os gazes se escapem, o recúo sofrido pela seta vai impeli-la para a frente e faze-la voar a grande distância, enquanto durar a combustão da pólvora.

ADIVINHAS

I

Qual a coisa qual é ela...
Que é redondinha mas rasa
E passa a vida à janela
Sempre que entra em sua casa?!

II

Vive ao pé de certa planta,
A' gente baixa faz falta;
Mesmo sem voz nem garganta,
Diz que salta mas não salta?!

DECIFRAÇÃO DAS ANTERIORES:

- 1 — Saia
2 — Brinco

ANEDOTAS

I

Um beerrão é obrigado, por doença, a misturar água com vinho. Ao realizar a operação, diz com tristeza e desconsolo:

— E digam lá que a união faz a força.

II

— Semeei, num vaso que puz à janela, uns cravos; e sabem o que me apareceu?!

— Cravos, naturalmente!

— Qual!... Apareceu-me um polícia a dizer que tirsasse o vaso da janela se não queria pagar uma multa!

III

Dizia uma senhora já entradota em anos mas que ainda se pintava:

— Já coisa alguma me dá prazer! Renunciei a tudo quanto no mundo nos pode distrair.

— Perdão, minha senhora, (volve-lhe alguém que estava presente.) V. Ex.^a ainda não renunciou à pintura!

JOSÉ FERNANDES

LÍNGUAS DE GATO

POR

GRACIETTE
BRANCO



DESENHO DE EDUARDO MALTA

CONHECEM, — (julgo que não.)
um certo
menino esperto
Chamado Carlos Alberto
Ferrão?

Tem dois anos, creio eu!
— E' um anjinho do Céu!...

Pois este menino esperto,
chamado Carlos Alberto,
tem uma predilecção:
— sempre que junta dinheiro
no mealheiro
ou nos bolsinhos do fato,
o que é que ele ha de comprar
p'ra papar??

— línguas de gato!

Sempre nos seus bolsinhos
dos calçõesinhos
do fato
macaco,

anda um saco
de papel,
com seu sabido farnel:

— línguas de gato!

E querem agora ouvir
o seguinte?
— No outro dia, um pedinte,
rotinho,
magrinho,
foi-lhe pedir
esmolinha.

E logo o Carlos Alberto
foi a saltar
muito esperto,
buscar
ao seu mealheiro,
o dinheiro
que lá tinha.

Depois, quando à porta assoma
seu rostozinho sensato,
diz-lhe simplesmente: — « toma;
vai comprar
línguas de gato... »